

Barragem vira “aquário” para salvar espécies de peixes

BACIA DO PARANAÍBA Projeto com pesquisadores de universidades, ONGs e empresas vai usar leito de rio entre Furnas e Cachoeira Dourada para reintrodução de ictiofauna

Elder Dias
elder.dias@opopular.com.br

Uma pessoa comum, um pescador e um cientista estão num barco em um lago e veem, dentro das águas translúcidas, vários tipos de peixes. Cada um reage à cena de modo bem particular. A primeira admira as diferenças estéticas entre as espécies; o segundo imagina qual daqueles bichos seria o melhor desafio para sua tralha de pesca; e o terceiro se atém àqueles seres aquáticos pensando em como e por que estariam ali e se comportando daquela forma.

Em alguns anos, essa cena poderá ser transportada para um lugar físico real. É o que pretende o projeto Paranaíba Vivo – Aquarius Paranaíba, que, entre seus objetivos, planeja transformar as águas acima da barragem da usina hidrelétrica de Cachoeira Dourada, no Sul de Goiás, em um espaço onde possam conviver turismo, pesca esportiva e pesquisas científicas.

O Aquarius Paranaíba é conduzido pelo Instituto de Desenvolvimento Econômico e Socioambiental (Idesa), organização social de interesse público (Oscip), tendo em campo pesquisadores da Universidade Estadual de Goiás (UEG) Morrinhos – Câmpus Sul, da Universidade Federal de Jataí (UFJ) e do Instituto de Pesquisa em Fauna Neotropical (Ipefan). O nome do projeto não foi escolhido aleatoriamente: a ideia é fazer daquela região do rio um simula-

cro de aquário – um espaço de estudo de espécies nativas de peixes que estão ameaçadas, que sirva como piloto para a recuperação da bacia hidrográfica como um todo.

“A ideia é transformar o Paranaíba em um laboratório a céu aberto. E ali também é um local com águas transparentes, com potencial de turismo ecológico e educação ambiental, basta planejar como fazer”, diz a professora da UFJ Mônica Rodrigues Ferreira Machado, uma das pesquisadoras envolvidas. Ela coordena o Laboratório de Biotecnologia e Fisiologia de Peixes (Labfish), que tem no zebrafish, também conhecido como peixe paulistinha (Danio rerio), uma espécie que serve como modelo experimental nos trabalhos.

No trecho onde separa os Estados de Goiás e Minas Gerais, o Rio Paranaíba tem quatro grandes represamentos. O primeiro é o da usina de Emborcação, que forma o lago de Três Ranchos, explorado para esportes náuticos; o último, no canal de São Simão perto da divisa com Mato Grosso do Sul. Entre eles e mais próximas uma da outra, separadas por um trecho de leito de cerca de 40 quilômetros, estão as barragens de Itumbiara, gerida por Furnas, e de Cachoeira Dourada, de propriedade da Enel Green Power, que financia a pesquisa. “Nossa intenção é promover a geração de conhecimento científico sobre a ictiofauna local e assim colaborar com a proteção das espécies de peixes

ameaçadas na bacia, além de fortalecer os laços com as comunidades e organizações locais”, diz Andreia Franco, especialista de Meio Ambiente da empresa.

Barragens estão entre as intervenções de maior impacto ambiental em um ecossistema. No caso da ictiofauna (conjunto dos peixes de um determinado ecossistema), a criação de um grande reservatório onde antes havia cursos d’água e corredeiras gera prejuízos tanto pela destruição do habitat – em relação a condições de alimentação e de reprodução, por exemplo – quanto pela perda de variedade genética em consequência do isolamento decorrente desses obstáculos.

Nesse sentido, a utilização para fins de pesquisa de uma “janela” do rio entre uma grande usina hidrelétrica e outra, com apoio da própria empresa responsável pela barragem a jusante, pode ser considerada uma forma de mitigação dos danos causados. Nelson Galvão, superintendente em Goiás do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) – órgão responsável pela licença ambiental de Cachoeira Dourada –, vê o projeto como uma oportunidade de devolver mais vida ao rio. “As pessoas que conhecem a região descrevem a história da bacia e do próprio Paranaíba. Era um rio muito piscoso e as intervenções fizeram com que os peixes deixassem de se reproduzir. Fazer um criatório como habitat é um



MÔNICA MACHADO em trabalho de campo na Bacia do Paranaíba: “Rio pode virar um laboratório a céu aberto”

caminho, embora as condições não sejam as mesmas.”

A PIRACANJUBA E O RIO

O Aquarius Paranaíba pretende servir também como uma tentativa de repovoar a parte alta da bacia com um peixe simbólico: a piracanjuba, que dá nome a um rio e a um município em Goiás e já há décadas não é encontrada no Estado. “Há registros de populações pequenas da espécie abaixo da barragem de São Simão (a quarta e última grande usina no Paranaíba)”, relata o biólogo Wagner Sampaio, diretor-técnico do Ipefan e um dos protagonistas nos trabalhos de campo. O fato de o peixe não ser mais encontrado no Rio Piracanjuba é em grande parte explicado pelo fechamento de seu corredor ecológico: os cardumes não chegam lá para fechar o ciclo reprodutivo porque não

conseguem superar as barreiras de concreto.

A ideia é usar o “aquário” para um repovoamento experimental de peixes ameaçados, como a própria piracanjuba, mas também o dourado e outras espécies. Buscando atingir as condições necessárias à implantação do projeto piloto, o grupo de pesquisadores está percorrendo o Paranaíba e seus principais afluentes para, entre outros procedimentos, marcações de espécimes, monitoramento da água e coleta de DNA ambiental (eDNA), visando compreender a real situação da ictiofauna em toda a bacia.

Diretor-executivo do Idesa, o geógrafo Ary Soares, também servidor de carreira aposentado do Ibama, onde chegou a superintendente, vê o projeto como um “ponto de esperança” “O Cerrado é necessariamente um ‘hot spot’ (ponto de destaque) entre os biomas brasileiros. Nosso desejo é que agora se torne também um ‘hope spot’ (ponto de esperança) para a conservação”, idealiza.

Projeto aplica questionários e prevê museu das espécies do Paranaíba

“Seus netos vão te perguntar em poucos anos / Pelas baleias que cruzavam oceanos / Que eles viram em velhos livros / Ou nos filmes dos arquivos / Dos programas vespertinos de televisão.” Os versos da canção As Baleias, da dupla Roberto e Erasmo Carlos, foram compostos há mais de 40 anos, remetendo a um futuro que se tornou presente: o desaparecimento de espécies causado pelos processos humanos.

Das baleias e oceanos para os peixes e rios goianos a analogia é infelizmente perfeita e cabível. Responsável pela área mais diretamente ligada às comunidades e à economia dentro do projeto Paranaíba Vivo – Aquarius Paranaíba, a professora Janaine Pimentel, da Universidade Estadual de Goiás (UEG) – Câmpus

Sul de Morrinhos, nas entrevistas que faz ouve relatos que, de forma bastante semelhante entre si, lamentam o sumiço da fauna aquática nativa. “Antes se pegava (peixes) muito mais que hoje”, diz ela, é uma frase bastante comum nas respostas.

Para registrar a história e a memória das espécies da Bacia do Paranaíba, o projeto inclui também a criação de um museu que guardará o acervo biológico e deverá ficar sob a coordenação da professora Mônica Machado, da UFJ. “Será uma coleção científica de peixes que servirá, por exemplo, para que pesquisadores identifiquem se determinado espécime que for encontrado é ou não pertencente à bacia.”

O biólogo Wagner Sampaio resalta a importância de museus de zoologia, como o que de-

ve ser criado para os peixes do Paranaíba. “São essenciais, porque detêm um acervo histórico de como era e como está tornando determinada região com base em sua fauna. Esses museus tornam-se referência de estudos e Goiás ainda é carente de algo assim no que diz respeito à ictiofauna”, explica.

Há também a ideia de fazer um centro de conservação e manutenção dos peixes. “Para adiante, queremos também criar um programa de produção de peixes tropicais, para que ribeirinhos e quem mais vive da economia do rio possam subsistir, a partir de um pacote tecnológico com espécies da bacia”, reforça Mônica Machado.

“A preservação ambiental está sempre relacionada a mudar esse conceito que infelizmente



Janaine e Paulo Henrique entrevistam o casal Wander e Naly: relatos

temos, como se vê pelos questionários aplicados, que é de sempre jogar para o futuro e de não se sentir pessoalmente tão envolvido no processo de degradação, atribuindo a outras pessoas e fatores uma maior responsabili-

de”, diz a professora Janaine. De positivo, porém, as respostas nos questionários deixam uma brecha: “Todos sempre se dizem dispostos a fazer sua parte para colaborar com a recuperação do meio ambiente.”